

Editorial

RAIVA E
ALEGRIA

Não faltaram motivos para o brasileiro comemorar, no domingo, a vitória da nossa seleção na Copa do Mundo. Muitos, no entanto, se excederam nas comemorações. E, em consequência, alguns morreram. Pelo menos dois acidentes graves ocorreram na madrugada de domingo para segunda. Desgovernado, um carro caiu no rio Arrudas. Morreram um homem e uma mulher. Os dois estavam vestidos com a camisa da seleção. O outro acidente foi em frente à boate Chalezinho, nas Seis Pistas, em Nova Lima. Um carro atropelou um segurança e invadiu a casa. O motorista estava também comemorando a vitória da seleção sobre a Costa do Marfim. Não se sabe ainda se todos os envolvidos estavam embriagados. No entanto, não haveria motivo para não estarem. A Lei Seca acaba de fazer dois anos, mas a regra é não cumpri-la e não fazê-la ser cumprida. Uma repórter de O TEMPO passou a tarde de domingo no quartel do Corpo de Bombeiros. Foi ver como funciona o órgão num dia excepcional na vida da cidade. A experiência foi viva de ensinamentos.

Antes do jogo, o número de ocorrências é igual ou menor ao de um dia normal. Durante o jogo, os registros dificilmente saem do zero. Após, superam todas as previsões, a maioria envolvendo gente embriagada. São acidentes de trânsito e agressões físicas. Enquanto aguarda o resultado, o cidadão se contém. Após, ele explode em ações de raiva ou alegria. A bebida potencializa sua reação, tirando-o do equilíbrio. A política para desestimular o cidadão de fumar foi bem-sucedida, no Brasil, a partir do momento em que começou a mostrar os danos causados pelo cigarro. O mesmo deveria ser feito com relação a outros males sociais. Cerca de 42 mil pessoas morrem, por ano, no Brasil, em acidentes de trânsito. Melhor, em crimes de trânsito. Essas tragédias não deveriam ser apenas noticiadas, mas também exibidas. Quem sabe, eduquem.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR	Vittorio Mediolì
PRESIDENTE	Laura Mediolì
VICE-PRESIDENTE	Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO	Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO	Marcos de Oliveira e Souza
GERENTE COMERCIAL	EDITORIA EXECUTIVA
Leandro Figueiredo	Lúcia Castro
GERENTE DE TECNOLOGIA	SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Fábio A. Santos	Michele Borges da Costa
GERENTE INDUSTRIAL	ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Guilherme Reis	Aline Reskalla
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO	EDITORES
Walmir Prado	Primeira Página: Robert Wagner
GERENTE DE MARKETING	Opinião: Victor de Almeida
Alessandra Soares	Economia: Karlton Aredes
GERENTE DE CIRCULAÇÃO	Política: Carla Kreefft
Isabel Santos	Magazine: Silvana Mascagna
	Fotografia: Leonardo Lara
	Brasil/Mundo: Carla Chein
	Esportes: Denner Taylor
	Cidades: Carla Alves

O.PINIÃO

Duke



FÁTIMA OLIVEIRA
Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

Voto livre é como canja de
galinha: não faz mal a ninguém

E aquilo no Maranhão que acabou em greve de fome?

Quando penso que já vi ou li sobre toda a podridão imaginável dos porões e sótãos da política partidária, a realidade diz que não! O que foi aquilo lá no Maranhão que redundou em greve de fome pelo voto livre de três petistas gabaritados: o líder camponês Manoel da Conceição, o deputado federal Domingos Dutra e a ex-deputada federal Terezinha Fernandes? A Direção Nacional do PT anulou o Encontro Estadual que decidiu apoio a Flávio Dino para governador e impôs o apoio à candidatura Roseana Sarney!

Todo mundo sabe o que penso da suaserana, de dom Bigodom et caterva. Quem diria que o purismo petista se afogaria na ilha de Curupu? Aconteceu. Falta de senso é pouco. É coisa de quem nasceu sem o “locus” da moralidade, em si um quadro psiquiátrico. Não canso minha beleza e nem escangalho minha saúde acolhendo gato que se passa por lebre. Só obedeco à minha consciência de livre-pensadora. Abomino a cordeirice – a postura de que, para se militar em um partido, é exigido que abdiquemos dos próprios neurônios.

Uma amiga diagnosticou a doença e receitou o remédio para o que a Direção Nacional do PT aprontou: “Só canja de galinha dá jeito nessa gente delirante! Vai ver que esse delírio é febre, que nem aquele ex-governador que anda a repetir: ‘oncotô proncovô’? Não vê dom Pedro II? Nos últimos anos de vida, só comia canja”. Disse-lhe que ele morreu de pneumonia (5.11.1891) e que caldo de galinha não substitui antibiótico.

Relembrando a conversa, desejei comer uma canja quente, que adoro e é uma invenção gastronômica medicinal

com sabor de infância. Em minha casa, criança com febre não bebia leite de vaca, que para vovó era forte demais, então era agraciada com “leite Ninho”; e carne, só canja de galinha, que fazia suar e “passava a febre”. A canja era “comida para doentes”. Quando estou gripada e febril, corro pra canja de galinha e pros chás, de gengibre, erva cidreira...

Há comprovação científica do poder curativo da canja. Na crônica “A favorita do Imperador”, Daniela Prandi relata que Stephen Rennard, da Universida-

Quem diria que o purismo petista se afogaria na ilha de Curupu? Falta de senso é pouco. É coisa de quem nasceu sem o “locus” da moralidade

de de Nebraska (EUA), reabilitou a canja de galinha ao posto de “remédio”. Seus estudos evidenciaram que a cisteína, um aminoácido que galináceos liberam durante o cozimento, é, no aspecto químico, similar à acetilcisteína – usada como mucolítico que protege as células pulmonares contra o dano dos radicais livres oxidantes; e que caldo de galinha e legumes, como cebola, cenoura e batata, retardam o movimento dos neutrófilos, um tipo de glóbulo branco do sangue que, embora ataquem os germes invasores, são responsáveis por grande parte dos sintomas do resfriado.

De origem asiática, a canja foi oficialmente prescrita por Garcia da Orta (1490-1570), médico da Corte Portuguesa, que, “depois de uma viagem à Índia, escreveu ‘Colóquios dos Simples e Drogas e Coisas Medicinais da Índia’ (1563), no qual mencionou um certo ‘caldo de arroz, ou canje’”. Há registros de que, no palácio da Ajuda, em Portugal, “A cozinha devia ter sempre canja fresca elaborada para a rainha dona Maria Pia, que a consumia todos os dias”, o que lança luzes sobre a veneração que dom Pedro II (1825-1891) nutria pelo prato, que rendeu até um livro, com histórias inusitadas, “A Canja do Imperador”, de J. A. Dias Lopes (Companhia Editora Nacional). Dizem que, quando ele ia ao teatro, saboreava “uma canja quente entre o segundo e o terceiro atos, que só começava, por isso mesmo, ao ser dado o aviso de que Sua Majestade terminara a ceiazinha”.

